

O BRASIL AMADURECE

2018 2060



FUTURO. IBGE projeta que um quarto da população terá 65 anos ou mais em 2060. Para analistas, envelhecimento reflete avanço na saúde, mas exige cuidado com a economia

Em 2060, 1 em cada 4 brasileiros será idoso

Projeção. IBGE estima que economicamente dependentes – abaixo de 14 anos e a partir de 65 – saltarão de 30% para 40% em quatro décadas

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) alertou ontem para uma circunstância com a qual o Brasil terá de lidar cada vez mais nas próximas décadas: a proporção de pessoas com 65 anos ou mais, que hoje é de 9,2% da população, subirá para 25,4% em 2060.

Segundo demógrafos ouvidos pelo **Metro Jornal**, este aumento previsto para a parcela de idosos no país é explicado por um conjunto de fatores. A necessidade de atenção a esta situação, no entanto, não está nas causas do envelhecimento da população, mas na consequência.

“Esse envelhecimento gera vários desafios para as políticas públicas, mas o mais

óbvio está na previdência. Por mais que haja o debate se existe ou não o déficit hoje, o regime previdenciário que temos é inviável a longo prazo. Então é fundamental pensar numa reforma, e para o futuro vai ser ainda mais”, analisa a demógrafa Raquel Guimarães, da UFPR (Universidade Federal do Paraná).

O efeito econômico, conforme apontam as projeções, não será fruto apenas das aposentadorias: a população economicamente dependente – pessoas com menos de 15 anos ou a partir de 65 –, que hoje é de 30,6% (63,73 milhões de habitantes para um total de 208,49 milhões), subirá: em 2060, o grupo economicamente inativo repre-

sentará 40,2% da população – 136,50 milhões de pessoas nessa faixa etária dentre os 228,28 milhões de brasileiros.

Sob outra análise numérica, hoje o Brasil tem cada cem pessoas produtivas sustentando 44 economicamente inativas. Daqui a 40 anos, serão 67 dependentes para cada cem trabalhadores ativos.

“O envelhecimento é dado: em um país como o Brasil, não tem como retornar e é muito difícil frear. O que cabe à sociedade é se postar ante a essa realidade: como pensar políticas para enfrentar o envelhecimento”, diz Tadeu Oliveira, demógrafo do IBGE.

Especialistas afirmam que o envelhecimento, evidentemente, não é um sinal ruim,

já que indica, entre outras coisas, que a população vive mais. “Os casos são, sem dúvida, ligados a esse avanço da expectativa de vida e da medicina” analisou Marcelo Nery, especialista em estudos da população da Fundação Getulio Vargas, à TV Bandeirantes.

Para os demógrafos, no entanto, melhorias na saúde até refletem no envelhecimento por frearem as taxas de mortalidade, mas o mais determinante é a queda no número de filhos por mulher. “No Brasil, o que sempre ditou o ritmo da demografia foi a taxa de fecundidade”, explica Oliveira. O número de filhos por mulher no país, que hoje é de 1,77, cairá para 1,66 em 2060, projeta o IBGE.

Homens e mulheres

Dos 208,49 milhões de brasileiros hoje, há 106,52 milhões de mulheres (51,1%) e 101,97 milhões de homens (48,9%). Nas próximas quatro décadas, essa diferença será acentuada ligeiramente: serão 51,4% de mulheres e 48,6% de homens.

A população com 90 anos ou mais é hoje, no total, de 731,94 mil habitantes, ou 0,3% dos brasileiros. A previsão é de que esta fatia chegue à marca de 1 milhão de pessoas em 2025. Já em 2060 serão 5,08 milhões com pelo menos 90 anos, ou 2,2%.



RAFAEL NEVES
METRO BRASÍLIA

Expectativa

Brasileiros alcançarão 81 anos em 2060

A esperança de vida dos brasileiros ao nascer está hoje em 76,25 anos, número comparável ao de países como China, Sérvia e Líbano. Em 40 anos estaremos mais próximos do que hoje é o primeiro mundo: a taxa, segundo o IBGE, subirá para 81,04 anos, patamar atual de Alemanha, Bélgica, Grécia e Dinamarca.

No Brasil, mulheres continuarão a viver mais que homens, mas com uma queda na diferença: hoje ela é de 7,06 anos (é de 79,8 anos para as mulheres e 72,74 anos para homens) e cairá para 6,33 anos (será de 84,23 para elas e 77,9 para eles). De toda forma, em 2060 os homens ainda viverão, em média, menos do que as mulheres vivem hoje.

A esperança de vida ao nascer no Brasil tem subido gradativamente. Era de 41,5 anos em 1940, na primeira estimativa do IBGE, subiu para 51,6 anos duas décadas depois, chegou a 65,7 anos em 1990 e virou o século em 70,4 anos. ● METRO BRASÍLIA

BRASIL ENVELHECIDO

Hoje, parcela não produtiva da população (abaixo de 15 anos e a partir de 65 anos) é de 30,6%. Daqui a 40 anos, eles serão 40,2%, e os idosos, sozinhos, representarão um quarto dos habitantes

POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA

Em milhões de pessoas



PRODUTIVOS
(15 a 64 anos)

DEPENDENTES
(menos de 15 e a partir de 65 anos)



PROJEÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Em milhões de pessoas



ESPERANÇA DE VIDA AO NASCER (com um país de comparação**)

	2018	2060
Brasil	76,25 anos (Sérvia)	81,04 anos (Alemanha)
Norte	72,65 anos (Geórgia)	77,94 (Polónia)
Nordeste	73,63 anos (El Salvador)	78,95 (EUA)
Centro-Oeste	75,56 anos (Tailândia)	80,69 (Chipre)
Sudeste	78,03 anos (Catar)	82,47 (Noruega)
Sul	78,35 anos (Croácia)	84,04 (Japão)

FORNTE: IBGE * PARCELA DE DEPENDENTES EM RELAÇÃO AOS ECONOMICAMENTE ATIVOS. HOJE, CADA 100 ATIVOS SUSTENTAM 44 DEPENDENTES

** DADOS INTERNACIONAIS DA OMS (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE) DE 2016

População atingirá auge em 2047



Segundo a projeção do IBGE, a população brasileira – hoje em 208,5 milhões – crescerá em ritmo cada vez mais lento pelos próximos 30 anos e chegará ao ápice em 2047: seremos 233,23 milhões. A partir desse ano, se a estimativa se confirmar, o número de mortes no país superará o de nascimentos, e passaremos a perder habitantes.

Na última projeção do IBGE, em 2013, a expectativa era de que chegássemos ao auge da população em 2043, quatro anos antes do que aponta o cálculo atual. O mo-

tivo da revisão foi a taxa de fecundidade: as mulheres vêm tendo cada vez menos filhos, mas a queda tem sido menos intensa do que o IBGE previa em 2013. Como nasceram mais bebês do que o esperado, o início do declínio da população virá mais tarde.

Segundo o IBGE, a taxa de fecundidade é o índice que melhor expõe as diferenças internas do país. “No Norte e no Nordeste a fecundidade tem caído, mas de forma menos intensa do que esperávamos. Já no Sul e no Sudeste temos um freio de mão nos

nascimentos, que é a postergação da idade em que as mulheres têm filhos. É um movimento que se viu em outros países: a mulher passa mais tempo na escola, entra para o mercado de trabalho, atinge a estabilidade e só depois tem filho”, analisa Tadeu Oliveira, do IBGE.

Hoje o Brasil tem uma média de 1,77 filho por mulher e a idade média da fecundidade é de 27,15 anos. No Norte, no Nordeste e no Centro-Oeste a idade média está na casa dos 26 anos, e no Sul e no Sudeste, na dos 27. ● METRO BRASÍLIA